



CAMINHOS DA AGROECOLOGIA: Olhar sobre iniciativas agroecológicas na Universidade Federal de Juiz de Fora

Tiago Teixeira¹

Resumo

Aqui apresentamos um olhar sobre o projeto “Da diversidade cultural a diversidade produtiva” que se desenvolveu entre 2011 a 2013 tendo como principais objetivos: promover as bases de uma possível transição agroecológica na comunidade, caracterizada como remanescente quilombola, de São Pedro de Cima, localizada no município de Divino, na zona da mata mineira e a criação e consolidação de um grupo de agroecologia na Universidade Federal de Juiz de Fora.

Abstract

Here we present a look over the project "From cultural diversity to productive diversity" that has been developed during the years 2011 and 2013 with the following main objectives: to promote the foundations for a possible agroecological transition at São Pedro de Cima's community, characterized as remaining quilombola, located at the Zona da Mata of Minas Gerais; promote the creation and consolidation of a group of agroecology at the Federal University of Juiz de Fora.

Palavras Chave: Agroecologia; Comunidade Quilombola; Extensão;

Introdução

Como dito o projeto tem dois objetivos principais que nascem de um contexto espaço-temporal específico, onde por um lado já havia um contato com a comunidade de São Pedro através do projeto de extensão “Ecomuseu da comunidade de São Pedro de Cima”. Foi a partir das experiências e vivências em campo que a ideia do projeto pôde ser pensada, motivada por um amadurecimento que envolve a questão teórica mas também questões existenciais, principalmente quando bebendo das águas da etnografia, chegando bem próximo a concepção de pensamento alargado colocada por Luc Ferry:

¹ Tiguera@gmail.com Universidade Federal de Juiz de Fora

Por oposição ao espírito “limitado”, o pensamento alargado poderia ser definido, num primeiro momento, como aquele que consegue arrancar-se de si para se “colocar no lugar de outrem”, não somente para melhor compreendê-lo, mas também para tentar, num momento em que se volta para si, olhar seus próprios juízos do ponto de vista que poderia ser o dos outros. (FERRY, 2007, p.281)

Daí o jogo entre o Familiar e o Exótico (DAMATTA, 1978), e daí também a outra face do projeto, que era contemplar aqui mesmo na Universidade e em Juiz de Fora as nossas aspirações, criar um grupo que pudesse contribuir na formação dos alunos, que ultrapassasse as barreiras e as distâncias entre o território das disciplinas na Universidade.

Tudo isso foi contemplado e motivado pelas ideias, teorias, conceitos, discussões e práticas em torno da Agroecologia, que foram procuradas principalmente pelos alunos, considerando a UFJF um campo onde essas idéias não tinham espaço ainda. Vale o destaque da XIV Semana de Geografia que trouxe dois geógrafos diretamente envolvidos com a Agroecologia, o que foi um primeiro momento formal em que esse tema chegou a instituição.

Procedimentos Metodológicos

Em primeiro lugar vamos nos atentar para a metodologia desenvolvida visando a criação de um grupo de agroecologia na UFJF.

A partir de um grupo que já vinha construindo a proposta coletivamente, começou-se a organizar encontros quinzenais nas sextas-feiras no bosque da Praça Cívica, proporcionando um ambiente diferenciado com um pouco mais de contato com a natureza e ainda com a característica de ser um lugar central do Campus, de modo a facilitar alunos de diferentes institutos.

Além das reuniões na praça o grupo ainda começou algumas atividades praticas em suas próprias casas e até mesmo na UFJF. Ainda manteve um papel de articulação importante, participando de fóruns, encontros regionais e inclusive na Cúpula dos Povos, estabelecendo contato com outras experiências que estão acontecendo no Brasil. Desta maneira se deu a inclusão do grupo na REGA Brasil (Rede de Grupos de Agroecologia).

Já na comunidade os procedimentos metodológicos se basearam nas idas com uma freqüência mensal ou bimensal, onde em campo nos fazíamos presentes enquanto participantes, numa perspectiva de extensão que se pretendia por meio do diálogo e da troca de saberes, construir as bases da transição agroecológica.

Em São Pedro o grupo também exerceu um papel de articulação da comunidade com as atividades de cunho agroecológico que já aconteciam

regionalmente, daí a aproximação com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Divino, com a Universidade Federal de Viçosa (UFV) e com o Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM). O CTA em parceria com a Universidade Federal de Viçosa já vêm desenvolvendo projetos voltados para a agroecologia há algum tempo na Zona da Mata mineira, e em Divino esse trabalho se faz em parceria com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Divino, principalmente na forma dos Intercâmbios de Saberes, encontros que acontecem nas propriedades de agricultores que tem se empenhado em um cultivo mais saudável dentro dos princípios da agroecologia. Uma metodologia de camponês a camponês, de troca de saberes, troca de sabores, e de experiências no geral.

Desta maneira, este papel de articulação promoveu a integração com diferentes instituições, movimentos sociais e agricultores em geral que se mostrou essencial dentro da proposta do projeto.

Desenvolvimento

Na implementação das propostas o grupo de agroecologia foi tomando corpo e encarando um papel de representatividade, nos colocando enquanto grupo de agroecologia da Universidade Federal de Juiz de Fora perante outros grupos, formando uma rede comprometida em levar estas discussões para o âmbito acadêmico. Isso acaba por gerar demandas que por sua vez expõem as potencialidades e também as fragilidades do grupo, mas que quando encaradas de frente o fortalecem.

Diante deste cenário participamos de alguns encontros: Encontro Regional de Agroecologia (ERA) em Montes Claros, Fórum Regional de Agroecologia em Rio Pomba, Troca de saberes em Viçosa, Cúpula dos Povos, e ainda um seminário em Seropédica/RJ que reuniu os grupos da Região Sudeste dos projetos aprovados no Edital 58 do CNPQ.

Toda essa movimentação acabou cumprindo a proposta de criação de grupo de agroecologia, que por fim foi batizado de EWÉ.

O grupo EWÉ reuniu alunos dos cursos de História, Filosofia, Serviço Social, Biologia, Arquitetura, Ciências Sociais e Geografia em torno de atividades que iam desde leituras e apresentações mais formais, até atividades mais práticas.

Já em São Pedro, vínhamos motivados por algumas auto-críticas, fruto do desenrolar do projeto do Ecomuseu, e um dos primeiros procedimentos em campo, foi de reunir a comunidade no intuito de explicar o projeto recém aprovado, que nos levava mais para o lado da cultura a partir da relação desta com os modos de produção (modos de vida) que ali acontecem, o que nos coloca defronte a um cenário

produzido pela dicotomia entre a presença de uma agrobiodiversidade imensa, dos “quintais produtivos”, do consórcio nas lavouras, e por outro lado o avanço do monocultivo baseado no uso de insumos químicos e agrotóxicos, além do aumento da área de plantações de eucalipto.

Desta maneira, nesta reunião, logo em um momento inicial da pesquisa explicamos um pouco o nosso projeto, e o fundamental da mensagem é que não vínhamos trazendo uma proposta pronta, mas que, pelo contrário, queríamos construir com eles essa proposta, ouvir deles as demandas da comunidade, não perdendo de vista o viés ambiental.

A intenção era sair do diagnóstico e partir para propostas práticas, animados pelo tempo de projetos que ainda tínhamos e com a força de projetos combinados. Assim, como descrito na metodologia, começamos a participar dos intercâmbios de saberes em Divino e direcionamos nossas vivências a fim de construir uma relação mais horizontal e menos distante daquela realidade.

Para tanto nos inserimos no dia a dia da comunidade, em experiências que duravam em alguns casos até 10 dias. Neste tempo sempre direcionando os olhares e as conversas em um sentido mais agroecológico. Dentro desta perspectiva nos atentamos para a questão da etnobotânica, da diversidade das sementes e da erosão genética, do modo de cultivo do café, a própria questão cultural, dentre outros.

Resultados

Como resultados temos a consolidação do grupo EWÉ na UFJF, grupo que vem se fortalecendo e se reconstruindo a partir das auto-críticas e das demandas que lhe são colocadas. Representa um avanço na discussão agroecológica na instituição e também em discussões relacionadas à importância da quebra de barreiras intra e interdisciplinares, contribuindo para a construção de uma ciência transdisciplinar que incorpore o conhecimento popular e que encurte distâncias entre o saber científico e o saber popular, colocando a ciência a serviço destas populações e do meio ambiente, e não das grandes empresas.

O intercâmbio de saberes que ocorreu em São Pedro de Cima pode ser considerado como um belo resultado do projeto, um lugar que carrega um sentido político a partir do encontro de diferentes trajetórias (MASSEY, 2008), e sela as relações da comunidade com o sindicato e outros agricultores locais, relação que vem se mostrando cada vez mais independente dos trabalhos da UFJF, demonstrando uma relação de mais autonomia e empenho na causa.

Vale mencionar uma reunião com a comunidade, onde foram pensadas as linhas de atuação para o próximo projeto que são: A criação de um grupo dedicado a

debater e criar uma associação das mulheres da comunidade; A criação de um grupo de agricultores que se dispuseram a trabalhar uma área experimental voltada ao cultivo de café com manejo agroecológico. Isso se daria em uma metodologia baseada no intercâmbio, ou seja, indo a cada uma dessas áreas promovendo, além de um acompanhamento, uma troca de experiências e opiniões, ou seja, um diálogo sobre aquela área, criando desta maneira pesquisa-ensino-extensão em um mesmo ambiente, integrados.

No campo metodológico pode se verificar um amadurecimento que caminha junto com um amadurecimento teórico, sendo esses processos mediados pelas vivências, as quais penetram o nosso modo de ser e agir no mundo.

Conclusão

Em primeiro lugar vale destacar a importância do trabalho de campo, do conhecer outras realidades distintas. Isso como um processo motivador de transformação que passa pelo reconhecimento, tanto do “outro” em suas condições e modo de vida peculiares quanto o nosso autoconhecimento em se (re)conhecer.

Daí reforçamos a importância da possibilidade da extensão dentro do ambiente de formação universitária e ainda caminhamos junto à proposta que entende como indissociável pesquisa – extensão – ensino, pensando novas formas de agir superando em alguns pontos formas clássicas de pesquisa que não incluem a extensão. Trata-se de uma forma de pesquisa que se afasta do pesquisador-observador e se aproxima da pesquisa participante.

Referências Bibliográficas

DA MATTA, O ofício do etnólogo, ou como ter “anthropological blues”. In: NUNES, Edson de Oliveira. *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978

FERRY, Luc. *Aprender a viver: Filosofia para os novos tempos*. Tradução Vera Lucia dos Reis. Rio de Janeiro: objetiva, 2007.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.